

A CONDIÇÃO FEMININA EM LISÍSTRATA: A GREVE DO SEXO E PONTUAÇÕES A ELA ATRELADAS

Antônio Gomes Santiago Bisneto¹
Matheus Alexandre Nazário da Silva²
Débora Cavalcantes de Moura Clemente³

RESUMO

O presente artigo tem como intuito abordar um caráter crítico de pontos presentes na obra de Aristóteles a cerca do papel da mulher e da condição na qual ela é submetida, tendo como meio as vertentes abordadas na comparação com obras como “Poética” de Aristóteles (1953), discussões a respeito da relação de poder disposta por Foucault (1979), valendo-se por destacar também a atualidade presente na obra e a análise discursiva do texto de Lisístrata através dos estudos de Koch (2004), sob a luz de Beaugrand & Dressler (1981) além de assuntos que levam a discussão sobre a relação de dominância masculina e de como a mulher sempre foi posta em uma situação defasada e de anarquia perante o sistema.

Palavras-chave: Análise discursiva, Aristóteles, Atualidade, Dominância masculina.

INTRODUÇÃO

A hegemonia masculina disposta na maioria dos graus participativos da sociedade permeia relações gerais do meio e inside na ratificação feminina dos estabelecimentos socio-democráticos, ocasionando uma dictomia que privilegia o homem e intensifica o seu poderio sobre o sistema.

A realidade grega com seus confrontos e disputas viram-se atreladas a uma organização segregadora e destoante que emanava sua malha político-social. Em contraponto a tudo isso a dramatização nas suas grandes arenas, por meio dos teatros

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras- Português/ Inglês e suas respectivas literaturas, das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, antoniogomessantiago@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras- Português/ Inglês e suas respectivas literaturas, das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, matheusnazario2011@gmail.com ;

³Docente do curso de Licenciatura plena em Letras pelas Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba- UF, dcm22letras@gmail.com

surgiam como meio de entretenimento que refugiava todos seus problemas por meio da reflexão e união dada as performances cênicas.

Aristófanes surge no meio artístico como um famoso dramaturgo, ou no seu grau primitivo, poeta, que dissolvia as avessas disputas do território e as coloquialidades sociais, em críticas dispostas nas representações satiro-cômicas, determinantes na sua consolidação nesse gênero e para a literatura de forma geral.

Sua obra mais célebre, *Lisístrata: A greve do sexo* (2018) divaga a respeito de uma rebelião contra os padrões da época, elencando as mulheres como protagonistas responsáveis por trazer de volta a paz no território alastrado pela guerra, através da supressão do prazer ao homem e a sua conseqüente dominação sobre seu corpo e vontades, temas esses nem levados a sério naquele tempo, sendo por isso encaixados no gênero cômico.

Diante disso, é possível criar uma conexão através da fundamentação com o trabalho de Aristóteles (1953) no seu compilado teórico, *Poética*, a respeito da dramaturgia grega e os seus meios de imitação, a relação de poder proposta por Michel Foucault (1979) e a disposição que se pode compor a cerca do sistema patriarcal, além da correlação empregada dos critérios de textualidade através dos estudos de Koch (2004), demandado da teorização disposta por Beaugrande & Dressler (1981), no texto de *Lisístrata*.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho bibliográfico e parte do cotejamento analítico entre artigos e demais textos que tratam sobre a problemática em questão. Foram analisados artigos sobre a obra *Lisístrata: A greve do sexo* de Aristófanes (2018), estudos a cerca da condição feminina e uma correlação com obras que divagam a cerca do objeto trabalhado ou que empregam uma continuidade conceitual.

Busca-se com este artigo mostrar de que maneira é apresentada a imagem feminina na obra de Aristófanes e, mostrar a cultura da época fazendo uma comparação entre o início da literatura e a contemporaneidade. Assim, mostrando que um caractere independente de ser feminino ou masculino pode possuir uma fala atemporal.

DESENVOLVIMENTO

Lisístrata e a condição feminina

Lisístrata: A greve do sexo (2018) firmou-se como importante obra de Aristófanes por caracterizar uma satiridade ao regime da época por elencar mulheres como ponto de partida de uma revolução contra o sistema militarista característico, através de suas passagens que denotavam um teor não só cômico como também crítico.

A consolidação da civilização Grega clássica institui-se a partir do contorno postergado pelas Guerras Médicas e a sua consolidação perante o Império Persa. Sua trajetória foi pautada por confrontos que disseminaram a visão intrusiva e revoltosa dada à Grécia no seu período clássico, seja por razões separatistas, seja por burocráticas, onde as chamadas polis (cidades- estado) rebelavam-se pelo poder, sendo essa incessante busca o principio da abordagem aristofânica.

A organização social grega era descentralizada por conta da autonomia dada e buscada por cada cidade-estado. Portanto, o ponto em comum delas e sua intencionalidade retratada em Lisístrata permeavam um condicionamento rudimentar à mulher, sendo seu enredo de dominação e manejo a partir da ótica feminina, algo impensável e utópico dado à política sexista. Esse traço abarcava um teor desconexo ao que temos como definição de democracia, olhando no viés ateniense, pois a garantia estava atrelada só a aqueles que eram cidadãos, excluindo assim a participação feminina. Pompeu (2011) pontuou essas inferências sobre o tema, relatando também essa falsa (no olhar atual) ideia democrática de Atenas.

“Mas as mulheres tomando a Acrópole ateniense e fazendo uma greve de sexo é um quadro exótico, levando-se em conta que elas, na realidade de Atenas, não participavam da cidade, de modo a serem consideradas cidadãs plenas. Embora uma mulher de nascimento cívico fosse também uma cidadã (polítis), não tinha, em Atenas, nem capacidade judiciária nem direito de propriedade (egktêsis). Sua cidadania era latente e se exprimia, por exemplo, quando se tomava a questão da origem de seus filhos.” (POMPEU, Ana Maria, 2011, p.73)

O comportamento imposto à época estava ligado a um pensamento machista, por conta de uma visão errônea da mulher, dando a ela uma fragilidade que causasse de certo modo uma dependência ao homem, mas isso era um sistema irônico, pois há uma dependência deles para com elas, mesmo sendo privilegiados.

“**CINÉSIAS**- Oh, Mirrina, Mirrina, pelo amor que você tem ao nosso filho, ouve! Ouve a criança, pelo menos! Queridinho, chama mamãe, chama!

CRIANÇA- Mamãe! Mamãe! Mamãe!

CINÉSIAS- Está ouvindo? Não tem pena do pobre garotinho? Há seis dias que não se lava, nem como direito”. (ARISTÓFANES, 2018, p.86).

Essa amostra de dependência mútua é abordada na obra a partir do condicionamento das mulheres aos afazeres domésticos e a incapacidade do homem em abster a política de sua própria moradia, sendo usada, também, como disposto, uma dramatização a condição na qual ela encontrava-se ao usar seu filho como meio compulsório para culpabilizá-la, criando assim, uma relação onde as responsabilidades domésticas estariam definitivamente ligadas a ela e o seu recuo caracterizaria um abandono, concedendo um sistema repressivo e sem cooperatividade.

A atualidade presente em Lisístrata

A representação feminina tratada em Lisístrata dispõe de uma análise crítica a cerca do real papel da mulher na sociedade, da autonomia a que elas deviam ser dadas para que houvesse uma justa equidade de direitos e participação em relação ao homem e sua predisposição em requerer mudanças no modelo estrutural da sociedade permeado no decorrer da obra.

A densidade de todo esse tema tratado é sentencialmente alinhada à realidade de anos e anos de luta e fervor para a garantia do mínimo de dignidade e imparcialidade que vão desde a garantia institucional, até parâmetros morais e empáticos tão defasados, pois apesar dos avanços notados, ainda sim, são irrisórios perante tanta discriminação.

“LAMPITO - Dizem que isso aconteceu a Menelau. Quando viu os seios de Helena, percebeu que tinha que escolher entre duas espadas. Largou a da guerra e empunhou a da paz. CLEONICE - Mas suponhamos que nossos maridos resistam mais do que nós, nos abandonem? LISÍSTRATA - O risco de qualquer batalha é perder a batalha. De qualquer forma, deveremos tentá-los até o ponto em que esqueçam qualquer estratégia. CLEONICE - Uma última hipótese. Se nos pegarem à força? LISÍSTRATA- Segurem-se nas portas, agarrem-se nas camas, encolham o corpo em posição fetal. CLEONICE - E se nos baterem? LISÍSTRATA - Cedam então, mas não se mexam, não colaborem, sejam cadáveres frios diante da potência e da prepotência até a prepotência. Eles têm pouco prazer quando sentem que não correspondemos. Sobretudo se nossas mãos permanecerem inertes, eles logo se cansarão da brincadeira. No amor as mãos são preciosas”. (ARISTÓFANES, 2018, p. 23-24)

No trecho acima retirado do livro é possível observar uma normatização repulsiva do estupro, onde a mulher é objetificada e submetida de forma tão natural aos desejos

do homem sem nenhum tipo de intervenção ou problematização por estarem tuteladas a eles e não terem nenhum tipo de poder imediato para uma mudança. Essa normatização ainda é muito presente em casos atuais, observados, por exemplo, em relacionamentos abusivos e no controle da vestimenta.

A realidade atual com direitos ainda defasados e subaproveitados reafirma essa relação progressista do texto de Aristófanes como algo universalmente reconhecido, como em determinadas partes, tomando a título de exemplo a passagem de Cleonice onde ela indaga:

“CLEONICE- Ah, é isso, enfim, a coisa que te preocupa. Pobre Lisístrata, se você pensa que pode salvar a pátria reunindo as mulheres numa praça... Sagrada ingenuidade! Muitos já o tentaram antes... Muitos o tentarão sempre através dos séculos”. (ARISTÓFANES, 2018, p.12)

O teor factual exprimido acima resulta na observação de o quão a frente do seu tempo em relação com a valorização da mulher estava Aristófanes, por prever, por assim dizer, as inúmeras revoltas que ocorreriam durante os períodos para o alcance da igualmente reconhecida à mulher diante o homem.

A análise do caractere “Lisístrata”

A análise de Lisístrata como caractere único dentro da história, permeia numa relação de liderança sujeita inevitavelmente ao seu protagonismo título à obra. Lisístrata ao tomar a iniciativa de reunir as mulheres em torno de um acordo para acabar com as guerras, através da greve de sexo, promove uma associação entre elas, que acarretará uma tomada de consciência a respeito do papel da mulher, e o seu grau de submissão, dispostas em passagens que denotam diversas catarses.

No primeiro momento ao propor a intervenção, há um choque geral dentre as outras mulheres por não ser um padrão comumente empregado, já que a esfera social na qual elas estão dispostas inviabilizaria essa iniciativa por não terem autonomia plena sobre as decisões sociais e políticas.

Ao analisar onde, após a tomada da acrópole, os homens querem reagir em ofensiva, observa-se adiante toda categorização de fala de Lisístrata ao indagar sobre o sistema patriarcal, com as variadas formas de repreensão e submissão da mulher, nas formas mais básicas que encadeiam o sistema.

Por fim, nos momentos finais, Lisístrata consegue estabelecer um acordo dentre os homens, que já não agüentavam mais toda a situação, e faz com que haja um acordo entre as cidades-estados para a regulação da paz e a volta dos guerrilheiros ao convívio social com suas determinadas esposas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A análise da Poética relacionada à Lisístrata

O teatro grego na sociedade clássica era tido como principal meio de entretenimento, sendo apreciadas em sua totalidade pela população, até mesmo pelos escravos e mulheres que tinham por um tratado geral uma subversão forçada as linhas sociativas.

Ao fazermos uma análise da Poética, destacamos primeiro, toda inflexão postulada no teatro: a aprendizagem. Todo esse estudo demanda da chamada mimese, que no geral seria o meio de imitação. Esse meio de imitação seria a principal forma de aprendizagem humana, pois “Imitar é natural ao homem desde infância”. (ARISTÓTELES, 1953)

Lisístrata tem como ponto central a revolta das mulheres gregas em relação a guerra que afasta seus maridos do convívio social. No olhar histórico temos a presença de todo o estudo a respeito da sociedade grega e suas abrangências no que diz a respeito o seu teor militar, em um tom linear e objetivo.

Lisístrata- Não com meu plano. Reuniremos todas as mulheres da Grécia, incluindo as beócias e as peloponesas. E acabaremos de vez com as lutas fratricidas, que nos deixam à mercê dos bárbaros que descem lá do norte. (ARISTÓTELES, 1953, p.12)

Ao analisarmos o trecho acima de Lisístrata é observada uma maior possibilidade de reflexão a cerca do tema tratado, dispondo de uma maior gama de inferências que vai fazer com que seja possibilidade uma maior reflexão e caminhos para fomentar o estudo e torná-lo mais natural e compreensivo, já que “a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade, [...] a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela enuncia verdades gerais; está relata fatos particulares.” (ARISTÓTELES, 1953).

Concluimos então, nesse ponto, que a abordagem aristofânica tem como intuito estabelecer um entendimento sobre toda a cultura social grega através de uma didática não linear, um estudo que não estabelecia um teor normativo, mas que sim, buscava a representação, a mimese, com encenações idas além da historicidade, avançando em temas que iriam além do usual, tratando do empoderamento feminino, sistema patriarcal, concernindo em uma maior reflexão filosófica e por consequência sua melhor compreensão.

Os gêneros subsequentes do teatro, elencados na “Poética” de Aristóteles, eram categorizados na Tragédia e na Comédia. As duas formas de expressão tinham como resolução exprimir, o já citado, condicionamento educativo, através do lúdico, e sua variante crítico-política, evidenciada em várias peças, em um caráter coercitivo fortemente presente na Grécia Antiga, criticismo esse evidenciado na passagem a seguir de Lisístrata, onde é visto uma revolta ao sistema bélico grego.

LISÍSTRATA- Não com meu plano. Reuniremos todas as mulheres da Grécia, incluindo as beócias e as peloponesas. E acabaremos de vez com as lutas fratricidas, que nos deixam à mercê dos bárbaros que descem lá do norte.

(ARISTÓFANES, 2018. p.10)

A representação do teatro grego, sendo pela tragédia ou pela comédia, segundo os escritos advindos de Aristóteles, “[...] “imitam ou por meios diferentes, ou objetos diferentes, ou de maneira diferente e não a mesma [...]” (ARISTÓTELES, 1953), mas ainda sim, na teoria, tendo o mesmo grau locutório de cerqueamento dos valores sociais e políticos. A comédia difundida através da Poética é interpretada por muitos como inferiorizado em relação à tragédia, pois a ela não é concedido o mesmo grau de seriedade que faz com que seja acompanhada. Ao longo da obra é possível notar que Aristóteles não menosprezava a comédia em relação a outros gêneros, mas sim, pontuava a falta de credibilidade na qual ela estava exposta por meio da visão limitada da sociedade, além do fato de que “[...] As transformações por que passou a tragédia, bem como os seus autores, são conhecidos; os da comédia, porém, são desconhecidos por não ter ela gozado de estima desde o começo[...]” (ARISTÓTELES, 1953, p.25)..

Fazendo um contraponto com Lisístrata é notável a intenção de Aristófanes (2018) de unir dois temas, dados como depreciativos não como forma de ridicularizar e tirar a credibilidade do fato tratado, mas sim desconstruir o pensamento enraizado e mostrar

que a relevância feminina e o gênero cômico podem sim ser enxergados como algo válido, mesmo com todas limitações comportamentais da época.

O alívio cômico também pode ser visto como algo que estimule o público no geral a acompanhar um tema delicado e por mais ridicularizado que pareça ainda sim tem a sua validade. Esse dialogismo entre os dois gêneros concerne apenas de uma diferenciação teorizada a partir do conceito de imitação, onde o contraponto está nos seus diferentes meios de enunciação, que apresenta esse nivelamento por falta de assimilação com a população da época.

2. Foucault e a relação de poder em Lisístrata

A relação de poder definida por Michel Foucault (1979), com forte influência do Weberismo é calcada em um regime plural instituído sob o indivíduo que por consequência valida uma coerção unilateral conclusiva. Por ser apresentado em segundo plano, enraizando-o por toda a sociedade. Para ele “Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam. (...) Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício”. (FOUCAULT, 1979, p.182).

Lisístrata- [...] As regras patriarcais impõem que mulher não deve abrir a boca, ou melhor, só deve fazer isso silenciosamente, boquiabrindo-se de admiração diante da inteligência, da beleza ou dos atos de valor do amante, pai, marido, irmão. (ARISTÓFANES, 2018, p.56)

Ao expandir esse estudo para o universo de Lisístrata é comumente observado a definição foucaultiana de condescendência a um regime geral de submissão, onde os pontos destinados a uma prática do poder estão nas mãos de um sistema que condiciona o indivíduo a repassar estigmas sociais. Fica notório que essa designação de poder na obra dele, não está somente focada no Estado, como já falado, mas também nos outros que condenam esta instituição de poder e faz com que ela se manifeste. Pois “Trata-se, desse ponto de vista do constituir indivíduo, como objetos do discurso [...] (FOUCAULT, 2004)”.

Destrinchando toda essa conceituação, basicamente temos que, ao discorrer toda a sua revolta a respeito do sistema patriarcal, Lisístrata está colaborando para essa

manutenção do poder, pois ao estimular esse circuito correlacionador ela maneja a apropriação do poder criando esse repasse geral de condicionamento normativo (a enraizada dominância masculina) para um condicionamento geral instituído (ao requerer uma participação feminina nos direitos). Nos dois casos há, em suma, a instauração social e não fixamente delimitado na conjectura máxima, estando entrelaçado em todas as esferas nas relações sociais do poder através das relações sociais, ou seja, o poder estaria disseminado no conjunto.

3. A análise da textualidade em Lisístrata

A Linguística Textual, disposta no apanhado organizacional de Ronaldo de Oliveira Batista (2016), “O texto e seus conceitos”, é divagado através da análise do texto, sob a luz de Koch(2004), não meramente como unidade linguística, mas sim como produto de um meio interacional estimulado pelas vias cognitivas, valendo-se do estatelamento do leitor, autor, texto e os elementos da textualidade que o compõe.

Na ótica da textualidade, valendo-se do trabalho disposto por Beaugrande & Dressler (1981), temos a configuração do texto através da conectividade com os elementos elencados por eles, sendo apresentado em sete critérios, divididos em Fatores conceituais e linguísticos (Coesão e Coerência) e Fatores pragmáticos (Situacionalidade, Informatividade, Intertextualidade, Intencionalidade e Aceitabilidade).

a. Fatores conceituais e linguísticos

A Coesão textual tratada por Koch (2010), demanda a estruturação através da conjunção de elementos aonde “se vai tecendo o tecido (tessitura) do texto”. Dispondo da conceituação de Beaugrande& Dressler(1981), essa conjuntura expressaria uma disposição contínua que liga todos os elementos do corpo textual.

“**LISÍSTRATA-** Pois é. Se tivessem sido convidadas para uma festa de Baco isso daqui estaria intransitável de mulheres e tamborins. Mas, como eu disse que a coisa era séria, nenhuma apareceu até agora. Só pensam em bacanais. Hei, Cleonice! Bom dia, Cleonice!”(p.9)

“LISÍSTRATA- Bem, então vou revelar o meu grande segredo. Oh, irmãs de solidão e sofrimento, para obrigar nossos maridos a fazerem a paz, devemos todas nos abster...” (p.19)

“LISÍSTRATA- Pois bem, vocês terão que se abster daquela pequena parte do homem que mais o classifica como tal”. (p.20)(ARISTÓFANES, 2018)

Ao observar os trechos retirados, é possível inferir a presença da coesão referencial, através de elementos catafóricos, por meio da palavra “coisa”, presente no primeiro trecho, e “abster” no segundo, que irão remeter posteriormente aos elementos anafóricos (já que mutuamente dirão a respeito ao elemento anterior citado), obrigar nossos maridos a fazerem a paz, no segundo e vocês terão que se abster daquela pequena parte do homem que mais o classifica como tal”, no terceiro, que vai contar também com a repetição da palavra “abster” para a retomada.

Na coesão referencial há uma remissão a termos que serão citados no texto (catáfora) e aqueles que remetem os já citados (anáfora) ou aqueles, de acordo com Kallmeyer et al(1974)que possuem uma compreensão interna, como é no caso da parte do terceiro trecho “ Daquela parte do homem que mais o classifica como tal”.

Além da conectividade de elementos linguísticos, a disposição do texto de Aristófanés é compreendida por meio de uma série de fatores que vão além do postulado visualmente, concernindo em elementos que legitimem a sua coerência.

Para Beaugrande & Dressler(1981) “a coerência diz a respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos”. Correspondendo a isso, a coerência entraria no modo como o leitor, através também do seu conhecimento de mundo captaria as passagens de Lisístrata na confluência de pelo menos uma ideia geral sobre o regime sexista da Grécia Antiga e a conotação sexual particular da obra para o entendimento da satirização da política social da época através da coerência interna.Por meio de como os elementos dispõem de uma harmonização dentro do texto, e uma coerência externa, que diz a respeito dos elementos dispostos além do texto, já citados anteriormente.

b. Fatores pragmáticos

A Situacionalidade trata-se a respeito da conexão da situação empregada com o texto e como isso determina a transmissão ao leitor. No caso de Lisístrata, a situacionalidade estará intimamente ligada à época no qual o leitor estará lendo ou assistindo, pois o Eu contexto, visto primariamente no Período Clássico, determinará uma interpretação absurda e totalmente cênica, sem uma credibilidade real, por conta do histórico retratado, ao contrário de uma análise feita atualmente, onde se encontra um teor progressista no texto.

A congruência de informações novas e já sabidas para haver um equilíbrio e não tornar o texto inócuo configura a Informatividade. Ligando isso a peça de Aristófanes, há uma interação entre a disposição do sistema patriarcal grego com a revolta feminina, causando a harmonia dos graus informativos, quebrando assim o aspecto de previsibilidade e redundância.

A Intertextualidade, que concerne no estudo de outros textos para o entendimento do principal, institui-se na recapitulação de postulados primários do leitor ou de seu conhecimento de mundo para a construção da compreensão da obra e todo seu contexto já apresentado.

A Intencionalidade e Aceitabilidade vão definir o módulo pelo qual existirá uma mobilização do texto apresentado a partir do transmitido pelo autor e a sua concordância no meio proposto, ou seja, a intenção de Aristófanes em criticar a malha sociativa e elevar o grau participativo da mulher através da aceitação do público da época por meio do viés cômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada concluiu-se com um grande apanhado de dados referentes à obra tratada e efetuou um misto de reflexões a cerca do tema especificado.

No seu decorrer, observamos toda relação que se configura a mulher no texto de Lisístrata, com inferências a cerca da condição na realidade grega clássica, pontuando todo o teor sexista na qual estava submetida através de um regime patriarcal e irregular na coloquialidade de direitos. Vimos também a conexão que o texto de Aristofânes consegue inevitavelmente e progressivamente dar a todo sistema atual no qual a sociedade ainda se encontra, no misto de relações que vão desde a supressão dos direitos

ao próprio corpo até as revoltas por ele. Houve também a análise da personagem Lisístrata em relação a todo tratado e sua revolta que emanou na finalidade da obra.

Além disso, seu desenrolar promoveu uma sinestesia na consciência a respeito do papel da mulher na sociedade e seu teor de debate, no qual se leva a uma autoavaliação de situações tidas como naturais, mas que não são legitimadas pela esfera consensual de regularidade da cadeia equativa.

Por fim, é notável a avaliação de toda a contribuição de Aristofanes da literatura universal através de seus textos que levavam a reflexão através de todo viés cômico disposto para legitimá-lo e elencá-lo a seu estado clássico atual no qual se encontra.

REFERÊNCIAS

- ARISTOFANES. **Lisístrata: A greve do sexo**. Trad: Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2018..
- ARISTÓTELES, **Poética**, Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxonienses, recognovit I.Bywater, Clarendon, editio altera, 1953.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22.ed. –São Paulo: Contexto, 2010
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas** – 2º ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BATISTA, Ronaldo Oliveira de. **O texto e seus conceitos**. 1.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- AYMARD, ANDRÉ; AUBOYER JEANNINE. **História Geral das Civilizações: O Oriente e a Grécia Antiga; O homem no oriente próximo**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1993.
- DESTRÉE, Pierre. **A Comédia na Poética de Aristóteles**. Organon, Porto Alegre, n° 49, julho-dezembro, 2010, p.69-94
- POMPEU, Ana Maria. **A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM LISÍSTRATA DE ARISTOFANES**. Revista Letras, Curitiba, N. 83, P. 75-93, JAN./ JUN. 2011. EDITORA UFPR. ISSN 0100-0888(VERSÃO IMPRESSA); 2236-0999 (VERSÃO ELETRÔNICA)